

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/338805759>

Produção e Consumo dos Espaços Públicos de Lazer e Turismo

Conference Paper · November 2017

CITATIONS

0

READS

11

2 authors:



[Larissa Prado Rodrigues](#)

University of São Paulo

25 PUBLICATIONS 4 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



[Cristiane Alcântara de Jesus Santos](#)

Universidade Federal de Sergipe

69 PUBLICATIONS 33 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Aplicação de Sistema de Informação Geográfica para a Elaboração de Roteiros Turísticos Culturais autoguiados na cidade de São Cristóvão/SE [View project](#)



PRODUÇÃO E CONSUMO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS DE LAZER E TURISMO NA CIDADE DE ARACAJU/SE [View project](#)



PRODUÇÃO E CONSUMO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER E TURISMO³³

Larissa Prado Rodrigues³⁴

Cristiane Alcântara de Jesus Santos³⁵

³³ Trabalho resultante do projeto de pesquisa intitulado “Produção e Consumo de Espaços Públicos e Privados de Lazer e Turismo na Cidade de Aracaju/SE” (Edital PIBIC/UFS 2016/2017) coordenado pela Prof^a. Dr^a Cristiane Alcântara de J. Santos. O projeto foi premiado em 1º Lugar na área de Ciências Sociais Aplicadas no 27º Encontro de Iniciação Científica da UFS, 2017.

³⁴ Discente do Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gestão do Turismo e Hospitalidade (CNPQ/UFS). E-mail: larissa4912@hotmail.com

³⁵ Geógrafa. Doutora em Geografia, Planificación territorial y Gestión Ambiental pela Universitat de Barcelona. Docente do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gestão do Turismo e Hospitalidade (CNPQ/UFS). E-mail: cristie09@uol.com.br

Resumo

O espaço urbano apresenta uma estreita e complexa relação entre as formas de lazer e turismo, uma vez que influencia na organização espacial da cidade e contribui para definição tipológica de algumas estruturas espaciais. Na contemporaneidade, os espaços de lazer encontram-se em meio às características urbanas das cidades com possibilidade de apropriação por residentes concomitantemente à demanda turística, nas quais distintos modos de usos, não usos e contra - usos são estabelecidos. Neste sentido, os espaços públicos de lazer e turismo são submetidos aos inúmeros processos de produção e consumo das cidades pelos agentes sociais, marcados fortemente pela ideologia classista hegemônica do capital que geram diversos impactos econômicos, sociais e ambientais. Diante dessas presunções iniciais, tem-se por objetivo apresentar algumas reflexões referentes aos espaços públicos de lazer e turismo, levando-se em consideração as formas de produção e consumo, assim como, a sua apropriação para o uso turístico. Enquanto recursos metodológicos optou-se pela pesquisa de base quantitativa que envolveu, sobremaneira, o levantamento bibliográfico, técnica de observação e a pesquisa de campo. Como principais conclusões, analisou-se que, em relação ao turismo, os espaços públicos são atrativos turísticos importantes de um destino, pois em sua paisagem exprimem herança, história, construções sociais e características intrínsecas das localidades e das sociedades que as compõem, ou seja, são únicos em suas configurações. Além disso, o fator localização influencia por completo as formas de produção e consumo dos espaços públicos de lazer e turismo na contemporaneidade, em que nuances os distinguem considerando que os processos ocorrem de forma desigual no espaço e no tempo. Deste modo, constatou-se que tais espaços possuem configurações antagônicas e, por vezes, conflituosas, nas quais as inúmeras contradições que podem existir no urbano ligado (in) diretamente à lógica do capital são evidenciadas atreladas ao lazer e ao turismo.

Palavras-Chave: Espaço Público. Produção Espacial. Turismo.

Resumen

El espacio urbano presenta compleja relación con las maneras de ocio y turismo, puesto que influencia en la organización espacial de la ciudad y contribuye para la definición tipológica de algunas estructuras espaciales. En la contemporaneidad, los espacios de ocio están involucrados con las características urbanas de las ciudades con posibilidad de apropiación por residentes concomitantemente a la demanda turística, en las cuales distintos modos de usos, no usos y contra - usos son establecidos. Sin embargo, los espacios públicos de ocio y turismo son sometidos a los inúmeros procesos de producción y consumo de las ciudades por los agentes sociales, marcados fuertemente por la ideología clasista hegemónica del capital que generan diversos impactos económicos, sociales y ambientales. Desde los aportes iniciales, este trabajo tiene como objetivo presentar algunas reflexiones referentes a los espacios públicos de ocio y turismo, considerando las maneras de producción y consumo, así como, la su apropiación para el uso turístico. Como recursos metodológicos optamos por la investigación de base cuantitativa y cualitativa que involucraba, sobre todo, el levantamiento bibliográfico, técnica de observación y la investigación de campo. Como principales conclusiones, se han analizado que, en relación al turismo, los espacios públicos son atractivos turísticos importantes de un destino, puesto que en su paisaje expresan herencia, historia, construcciones sociales y características intrínsecas de las localidades y de las sociedades que las componen, o sea, son únicos en sus configuraciones. Además, el factor localización influencia por completo las formas de producción y consumo de los espacios públicos de ocio y turismo en la contemporaneidad, en que matices los diferencian considerando que los procesos ocurren de manera desigual en el espacio y en el tiempo. De esta manera, se descubrió que tales espacios tienen configuraciones antagónicas y, a veces, conflictivas, en las que se evidencian las numerosas contradicciones que pueden existir en el urbano directamente vinculadas a la lógica del capital vinculadas al ocio y turismo.

Palabras-Clave: Espacio Público. Producción Espacial. Turismo.

INTRODUÇÃO

As tendências privatistas que reforçam valores como a livre-iniciativa, a meritocracia, o individualismo, a acumulação e o consumo desigual estão em constante e crescente efervescência, principalmente nos núcleos urbanos, espaços em que se concentram os interesses do capital sob a égide da lei do livre-mercado, refletindo diretamente na configuração espacial.

Neste contexto, os espaços públicos tornam-se alvo da ideologia classista hegemônica do capital, oriunda de iniciativas privadas, que os transformam através dos processos de produção e consumo a fim de obter lucro por meio da expansão, da reprodução e acumulação. Em suma, convertem esses espaços em mercadorias que exacerbam a desigualdade e, portanto, geram a (auto) segregação das classes dominadas à mercê das benesses produzidas.

Imersos nas contradições dos espaços públicos urbanos contemporâneos, os parques públicos são equipamentos que compõem o contexto de produção e consumo capitalista do espaço. Deste modo, são elementos que estão imersos na paisagem urbana e possuem origem na busca e anseio do homem urbano pelo refúgio, pelas características do campo, pelo retorno e (re) encontro com a natureza (GOMES, 2013).

Enquanto espaços públicos de lazer e turismo, os parques públicos das grandes cidades vêm sendo usurpados pelos interesses do capital de diversas formas, repercutindo e configurando as dinâmicas de produção e consumo, bem como as relações socioespaciais. Nesse sentido, os processos de produção e consumo difundidos por esses agentes geram diversas repercussões sociais veladas e ocultas que devem ser discutidas e trazidas à tona, justificando-se a importância de estudos que privilegiem a temática.

Assim sendo, diante das presunções supracitadas, tem-se por objetivo apresentar algumas reflexões referentes aos espaços públicos de lazer e turismo tendo por base os parques públicos da cidade de Aracaju/SE, e levando-se em consideração as formas de produção e consumo, assim como a sua apropriação para o uso turístico. Enquanto recursos metodológicos optou-se pela pesquisa de base quanti-qualitativa que envolveu, sobretudo, o levantamento bibliográfico, técnica de observação direta não participante in loco e a pesquisa de campo com aplicação de questionários e entrevistas.

O artigo traz reflexões iniciais acerca dos processos de produção e consumo dos espaços urbanos diante de um contexto altamente direcionado pelos anseios do capital privado. Posteriormente, são apresentados e descritos os objetos de estudo da presente pesquisa, ou seja, os parques públicos da cidade de Aracaju/SE em suas principais características e peculiaridades. Posto isso, busca-se atingir o objetivo proposto ao analisar como ocorre a produção e consumo dos espaços públicos de lazer e turismo, especificamente do Parque da Sementeira, Parque dos Cajueiros e Parque da Cidade, averiguando as similitudes e discrepâncias entre ambos, bem como os impactos nas relações socioespaciais ocorridos em decorrência dos processos.

PRODUÇÃO E CONSUMO DOS ESPAÇOS URBANOS DE LAZER E TURISMO

Para Corrêa (2000), o espaço urbano pode ser caracterizado como o espaço das cidades capitalistas compostos por diferentes usos da terra de modo a estabelecer a organização espacial da cidade, tendo por característica principal a fragmentação. Assim, nesse espaço existe uma estreita e complexa relação entre as formas de lazer e turismo a partir dos usos que são estabelecidos, bem como considerando a influência exercida na organização espacial da cidade, contribuindo para definição tipológica de algumas estruturas espaciais.

Além disso, o espaço urbano é um reflexo da sociedade e por isso revelam em sua configuração os conflitos e contradições inerentes da lógica capitalista hegemônica. Deste modo, o espaço urbano capitalista apresenta como característica intrínseca a desigualdade entre os diferentes indivíduos que compõem a dinâmica das cidades. Em suma, “eis o que é o espaço urbano: fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de luta” (CORRÊA, 2000, p. 9), na qual diversas complexidades o envolvem, dentre as quais o seu modo de produção e reprodução, uma vez que são produtos sociais históricos elaborados por determinados agentes.

Os produtores do espaço urbano são agentes sociais com ou sem capital, formais ou informais, que possuem interesse na terra urbana, nas quais grandes tensões entre os mesmos são estabelecidas com maior ou menor intensidade (CORRÊA, 2011). Corrêa (2000) destaca entre os principais agentes produtores do espaço urbano capitalista: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

Estes atuam ora de modo convergente, ora divergentemente. Entretanto, a lógica predominante, sobretudo aos dotados de maior poder econômico, é sempre a de reforçar a acumulação do

capital através da reprodução. E que para acentua-la, o sistema do capital cria forças incessantes, dinâmicas, expansíveis e constantes que refletem na modificação do mundo, revolucionando permanentemente o espaço geográfico (HARVEY, 2006).

Através da ação de alguns dos agentes supracitados, o processo de acumulação é mantido, sobretudo, através da apropriação e controle do uso da terra urbana (LEFEBVRE, 1976). Ademais, o espaço urbano é constantemente modificado com vistas a atender aos interesses do capital, levando-se em consideração que “a burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais” (MARX, 1999, p.12), fator que reflete diretamente na (re) produção espacial.

Após o processo conflituoso, contraditório, desigual e segregador de produção do espaço urbano, esse é posto ao consumo dos indivíduos que podem ter acesso às porções produzidas. Adentramos, nesse momento, na perspectiva do espaço-mercadoria, em que o espaço urbano é colocado à venda na prateleira, sobretudo, do mercado imobiliário. Desse modo, o consumo das áreas produzidas no espaço urbano reflete no uso e consumo que se tornam cada vez mais privativos dado às forças do mercado que transferem a propriedade do espaço urbano à demanda solvável que pode arcar com os custos monetários propostos no valor de troca, com predominante segregação no acesso do espaço urbano a determinadas classes.

Em suma, a produção e consumo do espaço se expressa pela materialização territorial e as relações sociais inerentes ao processo em que “os novos valores culturais, políticos e ideológicos passam a engendrar as características de produção e do consumo do espaço hoje” (SANTOS, 2012, p. 283), estando os espaços públicos de lazer e turismo em meio ao urbano e suas contradições, envoltos aos processos supracitados ligados ao reforço da propriedade privada. Assim, as formas com as quais o capitalismo e os capitalistas atuam no espaço urbano geram distorções econômicas e espaciais.

Os espaços de lazer, nesse contexto, são apontados por Carlos (1999) como simulações de um espaço novo, simulacros que são consumidos no momento do lazer e turismo, mas que, na verdade, são reduzidos e decorrentes da necessidade de se manter o padrão de acumulação. São mercadorias de uso temporário, levando-se em consideração que são apropriadas no momento do não-trabalho dos indivíduos. O turismo e o lazer apresentam-se como extensão, tendência e estratégia de reprodução, estendendo-se cada vez mais ao espaço global.

Enquanto espaço de lazer imerso nas contradições do espaço urbano e, por conseguinte das cidades, os parques públicos são equipamentos apropriados pela lógica do capital como elemento de valorização da terra para obtenção de renda extra através da exacerbação do valor de troca incorporado ao valor de uso. Como principais impactos das implantações dos espaços de lazer e turismo, a exemplo dos parques públicos, percebe-se a limitação do acesso aos lugares e os novos usos configurados a esses espaços, tendo como resultado final a mudança nas relações entre os cidadãos e a cidade.

Nesse contexto, os parques públicos são ferramentas de produção e reprodução espacial do capital, camuflados de espaços verdes que propiciam o encontro com a natureza, com o descanso, etc. através do consumo; mesmo que sejam espaços verdes repletos de deploráveis representações urbanísticas, constituindo um substituto medíocre da natureza, ou seja, simulacros degradados do espaço livre (LEFEBVRE, 2008). Vende-se satisfação, geram-se desigualdades.

OS PARQUES PÚBLICOS DA CIDADE DE ARACAJU/SE

No que concerne à cidade de Aracaju/SE, a mesma possui três parques públicos, a saber: o Parque da Cidade localizado na zona norte; o Parque da Sementeira e o Parque dos Cajueiros, ambos localizados na zona sul da cidade. Embora circunscritos no mesmo (pequeno) município, os parques possuem distinções, grande parte em decorrência dos investimentos altamente desiguais oriundos do setor público.

O Parque José Rollemberg Leite, popularmente conhecido como o Parque da Cidade, está localizado no Bairro Industrial, zona norte da capital Aracaju. O mesmo foi inaugurado em 1979, entretanto seus maiores atrativos, como o zoológico, só foi aberto posteriormente, no ano de 1985. Composto predominantemente pela Mata Atlântica passou a ser uma Área de Proteção Ambiental (APA) a partir do ano de 1993, denominada “APA Morro do Urubu”.

O Parque da Cidade apresenta enquanto equipamentos e atrativos de/para visitação: o Zoológico com animais diversos; o Telef rico que encaminha os visitantes em um passeio de 30 minutos para o ponto mais alto do parque, onde está localizado o Mirante da Santa Nossa Senhora da Conceição – símbolo da igreja católica –, bem como   possível fazer uma trilha que d  acesso a um ponto aonde praticantes de asa delta saltam, com vista para a cidade de Aracaju, o Rio Sergipe e a cidade de Barra dos Coqueiros.

Além disso, há um pequeno haras em que estão alocados alguns cavalos que auxiliam nas práticas de equoterapia (embora esteja desativada em decorrência da ausência de subsídios financeiros); dois bares/restaurantes, estando apenas um deles em funcionamento; um espaço não pavimentado utilizado para práticas de futebol; e espaços livres diversos, em que se destacam a fauna e a flora apropriadas de diversas formas pelos usuários do parque.

O segundo parque público é o Parque Augusto Franco, comumente conhecido como Parque da Sementeira, que está localizado no bairro 13 de Julho, zona sul, área nobre da cidade de Aracaju. No momento de sua implantação, o Parque da Sementeira foi contemplado com diversos elementos que podem atrair a variados públicos, como a demanda turística e os residentes, de forma a constituir potencial para diversidade de usos do local.

Dentre os atrativos estão os quiosques para piqueniques, festas de aniversários, encontros etc.; lagos artificiais, em que a administração do parque pretende voltar a utilizar para pedalinhos; eventos culturais, esportivos e religiosos promovidos pelos próprios visitantes esporadicamente; a Casa da Ciência e Tecnologia Galileu Galilei (CCTECA), mais conhecida como Planetário; uma vasta área verde com horta; parque infantil com brinquedos recreativos; espaços específicos para práticas de atividades físicas como quadra de areia; o sistema CajuBike instalado no local que possibilita ao visitante locar bicicletas; e ainda projetos como o Natal Luz que ocorrem nos finais de ano.

Finalmente, a cidade conta com o terceiro parque público também localizado na zona sul: O Parque dos Cajueiros. O Parque Governador Antônio Valadares, mais conhecido como Parque dos Cajueiros, está localizado nas proximidades do Parque Augusto Franco (Parque da Sementeira), ou seja, ambos estão localizados em uma área que recebe constantemente recursos públicos e, portanto, privilegiada. Por conseguinte, os parques supracitados apresentam infraestrutura amplamente diferenciada quando comparados ao Parque da Cidade, que se encontra em situação precária em decorrência do descaso do setor público para com o mesmo.

O Parque dos Cajueiros foi inaugurado em 1990 e passou por uma importante reforma de revitalização em 2012 que o dotou com diversos equipamentos, sobretudo de esportes. O Guia Sergipe Trade Tour (2016, p.36) destaca que o parque “[...] possui área verde, quadras poliesportivas, área de recreação para crianças, centro de treinamento de remo, banheiros, lanchonetes, locais para piqueniques, passeios de bicicletas, caminhadas, corrida, pista de skate e

posto de polícia ambiental”, e que para os usuários que gostam de relaxar apreciando a natureza, há no parque um restaurante que funciona à beira do rio Poxim.

Atrelado ao apresentado pelo Guia Sergipe Trade Tour, identificou-se por meio da observação direta in loco que o Parque dos Cajueiros possui brinquedos para crianças gratuitos e privados (que podem ser usufruídos pelos usuários mediante pagamento); quadras de tênis, vôlei e futebol; academia com equipamentos de ginástica (academia da cidade) que também compõe o complexo esportivo; pista de skate e patins; ciclovias; bares, restaurantes e lanchonetes; espaços para piqueniques, caminhadas e realização de encontros e eventos; o Rio Poxim e um deck que permite a visualização e contemplação ampla do atrativo natural, bem como se tornou espaço para realização de books fotográficos e para práticas de pescaria. Além disso, há uma escola de remo e espaços abertos diversos que são apropriados de diversas formas, sobretudo, pelo residente de Aracaju.

A partir de intervenções urbanas realizadas na cidade de Aracaju os parques públicos emergiram e consolidaram-se. No entanto, ao vislumbrarmos as alternativas de usos dos parques públicos supracitados, torna-se possível pensar sua apropriação não apenas por moradores residentes, mas também por turistas que estejam em visita à localidade. Diante de atratividades relacionadas à paisagem, manifestações culturais, historicidade, arquitetura e atividades lúdicas nesses espaços, bem como considerando as particularidades que são únicas em cada equipamento, ratifica-se o potencial turístico para a atratividade de todos os três parques abordados baseado nas suas configurações espaciais.

PRODUÇÃO E CONSUMO DOS ESPAÇOS URBANOS DE LAZER E TURISMO: O CASO DOS PARQUES PÚBLICOS DA CIDADE DE ARACAJU/SE

Conforme apresentado anteriormente, a produção dos espaços urbanos de lazer e turismo ocorre de forma desmedida e com grandes discrepâncias, seguindo a tônica e anseios do capital privado. Enquanto efeito resultante evidenciou-se que os parques públicos da cidade de Aracaju/SE, sobretudo os localizados na zona sul – região em que há maior concentração de serviços e residências privadas de alto padrão –, ou seja, o Parque da Sementeira e Parque dos Cajueiros são os que mais recebem investimentos e, portanto, são dotados de melhor infraestrutura para prática de atividades físicas, piqueniques etc.

Já o Parque da Cidade enfrenta problemas diversos em termos de infraestrutura, no qual já esteve prestes a fechar para visita por repetidas vezes em decorrência da insuficiente destinação de

recursos públicos para a sua devida manutenção. Pressupõe-se que isto ocorre, em grande medida, pelo parque estar localizado em uma área da cidade de grande carência de serviços públicos de qualidade, onde reside uma parcela da população com menor poder aquisitivo. Por conseguinte, tem-se que a produção espacial dos parques públicos ocorre de modo extremamente desleal e desigual, a partir da sua localização e baseado nas forças e relações de poder que regem as dinâmicas de distribuição de investimentos públicos e privados.

Mediante os fatores supracitados, as dinâmicas de consumo – que reflete nos modos de usos, não usos e contra-usos – se estabelecem de diversas formas nos parques públicos da cidade de Aracaju/SE. Conforme pôde ser evidenciado através do método adotado, o fluxo de visitantes ao Parque da Sementeira se limita predominantemente aos residentes adjacentes para práticas de socialização e de atividade física durante os dias úteis, entre segunda-feira e sexta-feira.

É certo que isso ocorre em virtude dos condôminos terem mais facilidade de acessibilidade em decorrência do poder aquisitivo para residir nas proximidades, resultando assim em um maior direito a usufruir de um espaço público da cidade que deveria ser entendido como um direito, igual, de e para todos. Já as populações oriundas de bairros mais distantes e carentes; e de menor nível de escolaridade e renda, apenas utilizam o parque em finais de semana e feriados, período em que os residentes dos grandes condomínios ao redor do parque diminuem o uso.

Neste contexto, destacam-se os conflitos que surgem pelos diferentes usos que são dados ao espaço do parque público pelos residentes de bairros mais distantes em determinados dias da semana, uma vez que os moradores das residências nos arredores do parque sentem-se incomodados com a presença desses indivíduos e grupos sociais (majoritariamente jovens de baixa renda). O consumo do Parque da Sementeira por esses grupos são entendidos como contra-usos, ou seja, usos inadequados segundo os valores e hábitos dos usuários das classes mediam e alta que, segundo eles, devem ser controlados e censurados pela gestão do parque.

Quanto ao Parque dos Cajueiros, este se apresentou como um espaço público de lazer democrático, pois embora esteja em processo de especulação pelos agentes do mercado imobiliário, ainda é frequentado de forma bem diversificada nas quais formas de consumo e usos múltiplos são dados ao espaço. Ademais, analisa-se que, assim como o Parque da Sementeira, há predominância de usuários que residem nas adjacências do Parque dos Cajueiros e possuem o privilégio de sempre estarem usufruindo dos equipamentos de lazer concedidos pelo Estado, uma

vez que podem pagar por isso na compra de apartamentos em condomínios que são construídos nas proximidades.

Em contrapartida, observou-se também que indivíduos de bairros com pouca área de lazer disponível em sua região também utilizam o espaço do Parque dos Cajueiros, pois conforme análise realizada com base nos dados levantados na pesquisa há um fluxo de pessoas que saem de suas localidades em busca de saciar suas demandas de lazer nesses espaços que recebem investimentos constantes e, por conseguinte, são bem equipados. Todavia, diferentemente do Parque da Sementeira, nos quais os residentes próximos evitam utilizar o espaço do parque nos finais de semana pela forte presença de indivíduos de bairros distantes que geram “contra-usos”, no Parque dos Cajueiros todos utilizam o mesmo espaço sem qualquer tipo de preconceito e/ou discriminação aparente e notada nos discursos.

O Parque da Cidade, por sua vez, diferentemente do Parque da Sementeira e do Parque dos Cajueiros, apresenta-se como a principal área de lazer – dada a proximidade das residências – das classes desprovidas de capital, marginalizadas dos processos desenvolvimentistas urbanos. Diversos usos são dados pelos moradores ao espaço amplo e verde do equipamento, no qual ocorrem principalmente aos finais de semana com a predominância destes usuários e, contrariamente, consumidos por turistas durante os dias úteis.

O parque enfrenta inúmeros problemas estruturais por não fazer parte do rol de investimentos do Estado, privilégio do Parque da Sementeira e do Parque dos Cajueiros que estão “bem localizados” (em zonas de grande interesse para o capital privado). No entanto, embora possua deficiências estruturais, instaura-se o paradoxo por ser o parque que mais recebe demanda turística intermediada por agências de receptivo e guias de turismo; ou desintermediados que souberam do parque através de amigos, parentes e da internet. Assim, torna-se interessante perceber como o turista está mais presente no Parque da Cidade e demonstra mais entusiasmo em visitá-lo do que em relação aos demais parques, sendo que por diversas vezes na aplicação de questionários notou-se que a demanda turística não sabia que existiam outros parques públicos na cidade de Aracaju. Por conseguinte, a relação do Parque da Cidade com o turismo se destaca frente ao Parque da Sementeira e do Parque dos Cajueiros, uma vez que estes últimos são pouco apropriados pela demanda turística e pelo próprio trade turístico (principalmente as agências de viagens e os guias de turismo).

Ainda no que tange ao turismo, cabe ressaltar a não importância dada aos elementos do Parque da Sementeira e do Parque dos Cajueiros como sendo atrativos turísticos da cidade de Aracaju. Isto ocorre em virtude das agências de turismo receptivo que promovem os *city tours*; e dos guias de turismo que norteiam os passeios pela cidade; não encaminham os turistas para visita aos parques (embora, segundo a pesquisa, 81% destes demonstrem interesse em conhecer esses espaços) levando-os apenas aos atrativos caracterizados como principais e representativos da localidade. Consequentemente, há uma grave omissão da importância que os parques públicos possuem, assim como, dos seus potenciais para tornarem-se expressivos atrativos turísticos da cidade de Aracaju incluídos em roteiros turísticos, como já ocorrem em outros destinos turísticos brasileiros.

Deste modo, identificou-se que estes são pouco apropriados pela atividade turística. Não houve turistas abordados durante a pesquisa que haviam visitado o Parque da Sementeira, e igualmente, o Parque dos Cajueiros é pouco utilizado por essa demanda, uma vez que apenas 1 (um) turista da amostra entre 50 (cinquenta) questionados – representando 2% – já havia estado nas dependências do equipamento de lazer. Comprovou-se, igualmente, – mediante a realização de entrevistas com agentes do trade turístico – que as agências de turismo de receptivo e os guias de turismo não se apropriam dos espaços para a realização de atividades com os turistas que chegam à cidade de Aracaju, sendo assim utilizado em maioria pela população local, sobretudo, as que podem alocar-se nas adjacências desses equipamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário exposto, faz-se necessário, primordialmente, uma crítica ao planejamento tecnocrático realizado pelo Estado e suas formas de reducionismo dos espaços públicos a meros objetos do mercado, como no caso do Parque da Sementeira mais fortemente (quando comparado ao Parque dos Cajueiros), em que o equipamento é entendido como mercadoria, servindo, maiormente, à especulação imobiliária e, consequentemente, à lógica do capital.

A tônica dos espaços-mercadoria geram diversos impactos sobre as relações socioespaciais, nos quais o elitismo exacerbado predominante configura vínculos de contra-usos, conforma apontado anteriormente. Por conseguinte, identifica-se dentro da perspectiva analítica a existência da luta de classes, levando-se em consideração que a camada de alto poder aquisitivo repudia a presença das classes de baixa renda justificado pelos “usos inadequados” dados por esses indivíduos aos

espaços do parque público, na qual deve ser mantida a distância e distinção, tendo como resultado final a mudança nas relações entre os cidadãos e a cidade.

Ademais, conclui-se que os parques públicos ainda são majoritariamente apropriados para o lazer dos moradores da cidade de Aracaju. No entanto, medidas cabíveis podem ser tomadas no que concerne à divulgação e exposição do potencial que o parque apresenta viabilizando a visitação por parte dos turistas. Destaca-se a localização privilegiada tanto do Parque dos Cajueiros, quanto do Parque da Sementeira no que tange à proximidade aos principais meios de hospedagem da cidade, reforçando e sustentando o argumento aqui levantado para uso desses equipamentos de lazer pelo/para o turismo.

Finalmente, em análise comparativa observa-se que as dinâmicas de uso, consumo e apropriação dos espaços públicos são distintas, até mesmo, em equipamentos que apresentem fins similares e estão alocados na mesma cidade, como é o caso do Parque da Cidade, Parque da Sementeira e o Parque dos Cajueiros. Além disso, o fator localização influencia por completo as formas de produção e consumo dos espaços públicos de lazer e turismo na contemporaneidade, pois se pôde perceber no discurrir dos resultados que o Parque da Sementeira e o Parque dos Cajueiros – com grande proximidade –, são muito semelhantes em características, com algumas nuances que os distinguem, levando-se em consideração que os processos ocorrem de forma desigual no espaço e no tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Consumo do Espaço. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri et. al. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre Agentes Sociais, Escala e Produção do Espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs). **A Produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **Os Parques Urbanos e a Produção do Espaço Urbano**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. 2. ed. São Paulo: Editora Annablume, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **Espacio y política**. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista (1848)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.



SANTOS, Cristiane Alcântara de Jesus. Produção e Consumo de Espaços Turísticos: Apropriação de Espaços Públicos de Lazer e Turismo em Aracaju/SE. In: CORIOLANO, Luzia Neide; VASCONCELOS Fábio Perdigão (Orgs.). **Turismo, Território e Conflitos Imobiliários**. Fortaleza: Ed. UECE, 2012.

ZAMPIERI, Waldete. **Guia Sergipe Trade Tour**: Turismo, Cultura, Lazer. 13. ed., 2016.